

À procura de *Dory* é um filme que conta a história de um peixe chamado Dory, que vive na Austrália, mas os seus pais vivem nos E.U.A.

Dory vai para os E.U.A., para encontrar os seus pais, e chega lá com os seus amigos Nemo e Marlin.

Ela dá por si no *Marine Life Institute*, atrás de um muro gigante, e todos têm de atravessá-lo (provavelmente não vais acreditar, mas aquele muro enorme não os impede de entrarem no país). A Dory passa-o e encontra a sua família mas, mais tarde, é separada dela novamente.

No entanto, outros animais aquáticos ajudam-na (tal como no percurso anterior), animais que não têm nada em comum com ela. São todos animais de diferentes cores e vêm de diferentes lugares, todos com diferentes histórias de vida. Mesmo assim, todos a ajudam, porque é isso que se tem de fazer quando vemos alguém que precisa de ajuda.

Preto, branco, ou qualquer outra raça são apenas o nosso físico, apenas “etiquetas”. Desde que nascemos, deram-nos estas etiquetas e, eventualmente, nós as aceitámos e elas tornaram-se parte de nós, sem nunca duvidarmos delas. Mas há um problema: essas etiquetas não nos representam, nem a mim, nem a ti. As etiquetas são apenas etiquetas. Quem nós **realmente** somos não tem a ver com a cor da nossa pele, ou a forma dos nossos olhos... Por exemplo: quando uma pessoa está a conduzir um carro, ninguém confunde a pessoa com o carro. Quando eu estou a “conduzir” o meu corpo, porque é que confundem o meu corpo comigo, se os nossos corpos são apenas carros que conduzimos uma vida inteira?

E sem carta de condução, dinheiro para aquisição ou sequer hipótese de escolha do modelo, somos obrigados a conduzir estes carros para o resto das nossas vidas.

Lamento, mas não percebo a lógica em definirmo-nos ou julgarmos os outros pelos carros que fomos forçados a conduzir.

Porém, pensando melhor... Quem é que **tu** serias se o mundo nunca te desse uma etiqueta, nunca te desse um quadrado para assinalares? Serias preto? Branco? Latino? Asiático? Americano-Nativo? Indiano? Não. Serias apenas um. Estaríamos juntos, sem termos de viver na era em que separamos as pessoas umas das outras devido à sua raça, sem termos estas etiquetas que não nos permitem ver as pessoas **como elas são** mas nos obrigam a vê-las através de um filtro de preconceitos e julgamentos sobre quem nós **pensamos** que elas são.

Nunca reparaste que todos os conflitos começaram devido a etiquetas?

São sempre eles contra nós. Então, a resposta às guerras, ao racismo, ao sexismo, ao anti-semitismo, à homofobia, islamofobia... é tão simples que escapou a todos os políticos: são as etiquetas. Temos de eliminá-las, porque nós fomos feitos para nos unirmos e nos conectarmos. É essa a nossa missão.

Nós não fomos feitos para sermos etiquetados como comida ou roupa. Fomos feitos para sermos livres.

No mundo das crianças, não existem barreiras de género, religião ou raça. Dizem que o futuro está nas mãos das crianças e dos jovens. No entanto, ninguém os ouve.

Patricia Marincas

9.ºD

2016/2017